



ONGD

PLATAFORMA . PORTUGUESA

INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

OUT/NOV 2019

NÚMERO 19

ÍNDICE

TÍTULO

INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD

CONSELHO EDITORIAL

CARLOTA BICHO, FRANCISCA MAGANO,
JOÃO PEREIRA, LUCIANA ALMEIDA,
RITA LEOTE

COLABORADORES NESTA EDIÇÃO

THEO PAPAIOANNOU, NUNO DA SILVA,
DAGMAR BOŠANSKÁ, PAOLO MEFALOPULOS,
ANA LUÍSA SILVA, LUÍS PAIS BERNARDO,
JESSE CHEN, SOFIA ARROYO DEL CAMPO,
MARK RANDAZZO, SABITA BANERJI,
RAFAEL DRUMMOND BORGES

DESIGN GRÁFICO

ANA GRAVE

ISSN

2182-8199

DATA

OUTUBRO 2019

CONTACTOS PLATAFORMA PORTUGUESA

DAS ONGD / RUA APRÍGIO MAFRA, Nº17,
3º DTO / 1700-051 LISBOA / PORTUGAL /
TLF +351 218872239 / FAX +351 218872241 /
SKYPE PLATAFORMAPORTUGUESADASONGD
/ INFO@PLATAFORMAONGD.PT /
WWW.PLATAFORMAONGD.PT

[ILUSTRAÇÃO DA CAPA]

INÊS SILVA

3 EDITORIAL

5 DOSSIER 'INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO'

5 QUAL É O PAPEL DA INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO?
Theo Papaioannou

8 PRÁTICAS INOVADORAS PARA UMA COOPERAÇÃO PARA
O DESENVOLVIMENTO REGENERATIVO
Nuno Silva

10 O DESENVOLVIMENTO E O MUNDO DIGITAL: AS PRINCIPAIS
TENDÊNCIAS NA DIGITALIZAÇÃO E OS DESAFIOS QUE AS
ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (OSC) ENFRENTAM
Dagmar Bošanská

12 COMUNICAÇÃO, MUDANÇA E DESENVOLVIMENTO
Paolo Mefalopulos

14 PENSAR, FAZER E APRENDER MELHOR: PROMOVER A INOVAÇÃO
INCLUSIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
Luís Pais Bernardo e Ana Luísa Silva

16 ENTREVISTA: À CONVERSA COM JESSE CHEN
Entrevista realizada por Carlota Bicho e Luciana Almeida

19 RECURSOS

20 EM REDE

UMA FILANTROPIA PARA A MUDANÇA SISTÉMICA –
PARA QUE SERVE TUDO ISTO?
Sofia Arroyo Martin Del Campo e Mark Randazzo

22 BOAS PRÁTICAS

COMO A OXFAM AJUDA AS EMPRESAS A RESPEITAR OS DIREITOS
HUMANOS E A CONTRIBUIR PARA A DIMINUIÇÃO DA POBREZA
Sabita Banerji

24 INICIATIVA

PROMOÇÃO E GESTÃO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DE VALOR:
O CASO “PROBANANO” DA OIKOS PERU
Rafael Drummond Borges

27 PUBLICAÇÕES

No contexto atual, em que assistimos a um aumento das desigualdades e das interdependências, é cada vez mais evidente que as abordagens tradicionais da Ajuda ao Desenvolvimento não são suficientes para dar resposta aos grandes desafios do Desenvolvimento Internacional. É no sentido de estimular os debates que questionam os paradigmas vigentes e que promovam novas formas de pensar e agir, que a Plataforma Portuguesa das ONGD escolheu o tema “Inovação para o Desenvolvimento” para a XIX edição da sua Revista.

A inovação para o desenvolvimento é um conceito em debate aberto, e a primeira reflexão deste número, desenvolvida por Theo Papaioannou, analisa a contribuição da inovação para o desenvolvimento, defendendo que é essencial “reforçar os modelos emergentes de inovação inclusiva no Sul Global e desenvolver as capacidades de produção de conhecimento, infraestrutura, colaboração e novas tecnologias”.

O artigo “Práticas Inovadoras para uma Cooperação para o Desenvolvimento Regenerativo” de Nuno Silva traz-nos uma dimensão mais organizacional da inovação, a partir da qual o autor apresenta a sua perspetiva sobre a natureza não linear do Desenvolvimento e introduz algumas abordagens colaborativas, participativas e experienciais que permitem lidar com mudanças e inovações em contextos complexos.

Não podemos falar de futuro, mudança ou inovação sem falar da digitalização, que transforma a olhos vistos e de forma radical o mundo em que vivemos. Dagmar Bošanská aborda no seu artigo as principais tendências na área da digitalização, relacionando os seus riscos e as suas oportunidades, e refletindo sobre o papel das Organizações da Sociedade Civil na revolução digital.

No domínio da comunicação, a inovação poderá estar no modo como a mesma é usada para transformar os emissores e recetores em intervenientes ativos para a mudança. Paolo Mefalopulos fala-nos por isso de uma conceção da comunicação enquanto um processo horizontal com o diálogo no centro, num caminho em direção à comunicação para a mudança positiva.

No artigo “Pensar, fazer e aprender melhor: promover a inovação inclusiva para o desenvolvimento sustentável”, Ana Luísa Silva e Luís Pais Bernardo argumentam que o desenvolvimento sustentável deve ser um processo multidisciplinar e inclusivo, assente num processo contínuo de questionamento e interação.

O entrevistado desta edição é Jesse Chen que nos fala do impacto das tecnologias da informação na democracia e nas suas potencialidades no âmbito da participação política.

Na rubrica Em Rede, Sofia Arroyo Martin Del Campo e Mark Randazzo trazem-nos uma visão geral do trabalho da EDGE Funders Alliance, e refletem sobre como poderá a filantropia ser mais eficaz na compreensão e resolução da raiz dos problemas globais.

Para nos trazer exemplos de Boas Práticas inovadoras, contamos nesta edição com o contributo de Sabita Banerji, que nos traz a experiência da Oxfam na colaboração com o setor privado, através da Influência Política e Advocacy, de Programa de Parcerias e de Consultoria.

A edição XIX da revista da Plataforma Portuguesa das ONGD encerra com a apresentação de Rafael Drummond Borges do caso Probanano da Oikos e do papel deste projeto na promoção e gestão sustentável da cadeia de valor na região de Piura, no Peru.

São diversas as perspetivas e os domínios da Inovação para o Desenvolvimento, e por isso procurámos com esta edição trazer aos nossos leitores e leitoras reflexões que retratam a diversidade e a complexidade desta temática, com o intuito de contribuir para um debate que permita a todos/as encontrar novos caminhos de aprendizagem.

CARLOTA BICHO
RESPONSÁVEL DE COMUNICAÇÃO NA
PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD

LUCIANA ALMEIDA
RESPONSÁVEL DE CAPACITAÇÃO NA
PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD



QUAL É O PAPEL DA INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO?

THEO PAPAIOANNOU

DIRETOR DO INNOGEN INSTITUTE E PROFESSOR DE
POLÍTICA INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NA OPEN
UNIVERSITY, REINO UNIDO

A inovação interessa-se pela novidade. Quer estejamos a fazer algo novo (um produto ou um processo) numa empresa, no mercado ou no mundo, ou a refazer algo antigo num novo formato, o conceito de inovação descreve o incessante esforço dos humanos em busca de novas soluções para os problemas que enfrentamos e de formas de transformar o nosso ambiente técnico e socioeconómico. Por seu turno, o desenvolvimento tem por objetivo assegurar a mudança social, política e económica, e é sinónimo de progresso e melhoria nas vidas das pessoas, objetivos que são frequentemente atingidos graças a inovações tecnológicas disruptivas.

A inovação tecnológica tem uma importância inegável para o desenvolvimento. As sucessivas revoluções tecnológicas a que assistimos desde a década de 1780 tiveram um enorme impacto no bem-estar da humanidade. Desde os têxteis industriais, o caminho de ferro e a eletricidade até aos medicamentos, automóveis, tecnologias da informação e comunicação, bem como, mais recentemente, as tecnologias digitais, impressão 3D, Inteligência Artificial, nanotecnologia, genómica e biotecnologia, as inovações tecnológicas mudaram radicalmente as vidas da maioria das pessoas em todo o mundo.

No entanto, nem todos/as colhem os frutos destas novas tecnologias. Ainda existem pessoas no Sul Global e no Norte Global sem acesso às novas tecnologias ou cujas necessidades básicas foram constantemente ignoradas pelo processo social da inovação. No século XXI, a inovação enfrenta os grandes desafios do desenvolvimento sustentável, nomeadamente a desigualdade e a exclusão (10% da população mundial sobrevive com menos de 1,90 dólares por dia), o ambiente (a utilização de tecnologias à base de combustíveis fósseis contribuiu para o aquecimento global do nosso planeta) e a saúde global (a malária, a tuberculose e as doenças diarreicas são negligenciadas pela investigação e desenvolvimento globais).

Neste pequeno artigo, gostaria de argumentar que, apesar da inovação ter o grande potencial de responder a estes grandes desafios (aliviando o peso da dívida, eliminando a pobreza e contribuindo para uma população saudável), para ser bem-sucedida, tem de contemplar as necessidades e os interesses das populações pobres. A adoção dos ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milénio) da ONU e o posterior acordo sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) em 2015 confirmaram a necessidade normativa e prática de deslocar o foco do crescimento económico para a inclusão e sustentabilidade ambiental. Desta forma, a missão da inovação passa a ser a eliminação da privação extrema e a redução da desigualdade entre diferentes países e dentro de cada país. Se for conduzida pelos princípios da inclusão, a rápida mudança científica e tecnológica pode criar oportunidades de desenvolvimento acessíveis a todas as pessoas. A inovação pode contribuir para todos os 17 ODS.

'OS MODELOS DE INOVAÇÃO TRADICIONAIS DIFICILMENTE SE PODEM REGER PELOS PRINCÍPIOS DA INCLUSÃO'

No entanto, os modelos de inovação tradicionais dificilmente se podem reger pelos princípios da inclusão. Isto acontece porque se guiam predominantemente pelo "motor *Schumpeteriano*" da inovação, ou seja, funcionam com base em empreendimentos pensados em função do mercado e motivados pelo lucro. Trata-se da pretensa inovação a partir de cima, sustentada nos direitos de propriedade intelectual e sem ter em conta as necessidades das populações pobres. A menos que sejam revistos radicalmente para satisfazer os ODS, os modelos de inovação tradicionais não conseguem ter, no seu ímpeto, as necessidades da inovação "a partir de baixo". Por este motivo, os investigadores defendem que a inclusão deve ser integrada no próprio processo de inovação. Neste contexto, foi introduzida a noção de inovação "por baixo do radar" ou "inclusiva" para explicar como as populações pobres podem criar produtos de baixo custo para satisfazer as suas necessidades básicas. Os modelos de inovação emergentes têm o potencial de mudar radicalmente a dinâmica distributiva da economia global, aumentando as oportunidades de trabalho digno e de empregos verdes no setor informal. Estes modelos concentram-se em atividades de resolução de problemas por e em benefício de pessoas marginalizadas, mulheres e pobres.

Veja-se, por exemplo, o modelo da Honey Bee Network (HBN) na Índia, que contribuiu para a introdução de várias inovações em comunidades com baixos rendimentos: máquinas de lavar a pedal, escavadores de amendoins, debulhadoras para várias colheitas, colhedores de cápsulas de algodão, bombas de água a pedal e semeadores de açafrão-da-índia/gengibre, entre outras. A HBN, fundada por Anil Gupta, é uma rede de voluntários/as e inovadores/as da comunidade que trabalham em conjunto para respeitar, reconhecer e premiar as pessoas criativas; ajudá-las a rentabilizar as suas inovações e o seu conhecimento tradicional; veicular uma ética de conservação; fazer *lobby* para proteger os seus direitos de propriedade intelectual; incorporar os seus valores, criatividade e conhecimentos no sistema educativo e governação da sociedade.

Este exemplo indica que os modelos emergentes de inovação inclusiva podem ser encarados não só como importantes fatores no crescimento económico, mas também como uma forma de desenvolvimento inclusivo, ou seja, um contributo para atingir os ODS. As inovações inclusivas desafiam a inovação, as hierarquias de desenvolvimento e as cadeias de valor globais tradicionais, concentrando-se nas necessidades e capacidade de acesso dos grupos com baixos rendimentos. Envolvem as populações pobres, como consumidoras e também como produtoras que participam ativamente na dinamização da inovação, e contribuem para o crescimento. Promovem ações coletivas e estimulam transformações socioeconómicas e estruturais mais abrangentes nos países em desenvolvimento.

'OS MODELOS DE INOVAÇÃO EMERGENTES TÊM O POTENCIAL DE MUDAR RADICALMENTE A DINÂMICA DISTRIBUTIVA DA ECONOMIA GLOBAL, AUMENTANDO AS OPORTUNIDADES DE TRABALHO DIGNO E DE EMPREGOS VERDES NO SETOR INFORMAL'

Em conclusão, podemos dizer que o papel da inovação no desenvolvimento se centra na novidade em termos de tecnologias incrementais e radicais, que podem beneficiar as populações marginalizadas e enfrentar os grandes desafios do desenvolvimento sustentável, incluindo os três desafios mais importantes: a desigualdade, o ambiente e a saúde. A inovação tem o potencial de contribuir para todos os 17 ODS, desde que se conduza pelos princípios da inclusão. É fundamental fortalecer os modelos emergentes de inovação inclusiva no Sul Global e desenvolver as capacidades de produção de conhecimento, infraestrutura, colaboração e novas tecnologias.

TRADUÇÃO POR JOÃO OLIVEIRA



PRÁTICAS INOVADORAS PARA UMA COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGENERATIVO

NUNO SILVA
EDUCADOR/FACILITADOR

Vivemos uma época singular na história da humanidade, onde nada menos do que o futuro de nossa espécie, grande parte da diversidade da vida e a contínua evolução da consciência, estão em jogo. Para construir uma civilização humana verdadeiramente regenerativa, colaborativa, justa, pacífica e equitativa, teremos de, coletivamente, dar um "salto importante" na consciência humana. Se quisermos contribuir para esta grande transição temos que ter em conta ambientes crescentemente complexos, voláteis, incertos e ambíguos, e problemas que exigem formas de pensar, metodologias e práticas de trabalho radicalmente diferentes.

No campo da cooperação para o desenvolvimento, urge rever o conceito de desenvolvimento, reconhecendo que é um processo inato e natural encontrado em todos os organismos vivos, incluindo organizações e comunidades. Assim, o desafio mais fundamental que o profissional de desenvolvimento enfrenta é entender o processo de desenvolvimento no qual está a intervir, saber onde o indivíduo, a organização ou a comunidade está localizada no seu caminho de desenvolvimento, observando de forma rigorosa e sem preconceitos, tendo por base uma boa compreensão dos processos de desenvolvimento.

No meu entendimento do processo de desenvolvimento, identifico três fases discerníveis de um desenvolvimento ideal sem impedimentos, que aplicamos para entender os seres humanos, bem como os sistemas sociais que eles criam: a primeira fase é

caracterizada pela dependência e aprendizagem, em que outros desempenham um papel importante no fornecimento do ambiente e dos recursos necessários para o crescimento; a segunda fase implica uma mudança no relacionamento e um período de teste e personalização de capacidades e competências, com o objetivo da independência e autossuficiência; na terceira fase há outra mudança nos relacionamentos, em que se reconhece e potencia a interdependência como forma de realização do potencial de todos os envolvidos. No indivíduo humano, as três fases correspondem à infância, adolescência até o início da idade adulta e maturidade. Na teoria do desenvolvimento organizacional, os conceitos de “pioneiro”, “diferenciado” e as “fases integradas” de desenvolvimento podem ser entendidas dessa forma também. A experiência completa e positiva de cada fase fornece aprendizagem e recursos que são vitais para a capacidade de participar na próxima fase. No entanto, é fundamental que todas essas fases sejam reconhecidas como desenvolvimentais e uma não seja considerada superior a nenhuma outra, pois todas são continuamente recorrentes e sobrepõem-se ao longo da vida de um indivíduo, organização ou comunidade.

**'O DESAFIO MAIS FUNDAMENTAL
QUE O PROFISSIONAL DE
DESENVOLVIMENTO ENFRENTA
É ENTENDER O PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO NO QUAL
ESTÁ A INTERVIR, SABER ONDE A
ORGANIZAÇÃO OU A COMUNIDADE
ESTÁ LOCALIZADA NO SEU CAMINHO
DE DESENVOLVIMENTO'**

Há uma outra característica definidora do desenvolvimento fundamental para a sua compreensão: a sua natureza não linear. O desenvolvimento não progride constantemente numa linha incremental suave: em pontos do processo, há períodos de crises e turbulências significativas que desempenham uma função crítica, fornecendo o ímpeto para abandonar o antigo, a fim de assumir o novo. O desenvolvimento é assim imprevisível e até anárquico. Existe, neste sentido, uma contradição: ao mesmo tempo que o desenvolvimento é não linear, parece existir fases, sequências e modalidades naturais que podem ser

consideradas características do processo como um padrão ou arranjo específico. A contradição é real, mas, em vez de ser o tipo de contradição que exige resolução, pode ser vista como o coração pulsante do próprio desenvolvimento. Resulta de tudo isto que as intervenções de desenvolvimento são essencialmente sobre o desenvolvimento das pessoas e que o desenvolvimento não pode ser imposto.

'O DESENVOLVIMENTO NÃO PROGRIDE CONSTANTEMENTE NUMA LINHA INCREMENTAL SUAVE: EM PONTOS DO PROCESSO, HÁ PERÍODOS DE CRISES E TURBULÊNCIAS SIGNIFICATIVAS QUE DESEMPENHAM UMA FUNÇÃO CRÍTICA, FORNECENDO O ÍMPETO PARA ABANDONAR O ANTIGO, A FIM DE ASSUMIR O NOVO'

'AS INTERVENÇÕES DE DESENVOLVIMENTO SÃO ESSENCIALMENTE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS'

Apesar da forma de trabalhar com os processos de desenvolvimento não ser uma prática rígida e pré-definida, têm emergido diversas metodologias que oferecem uma boa base para quem, na área da Cooperação para o Desenvolvimento, queira adotar esta perspetiva de contributo para a Grande Transição (The Great Turning proposto pela Joanna Macy e outros/as). Alguns exemplos dessas abordagens são: **prática social reflexiva** (Allan Kaplan e Sue Davidoff); **Dragon Dreaming**; **Teoria U**; **Inquérito Apreciativo**; **a Arte de Anfitriar**; **o Trabalho Que Reconecta**; e **Democracia Profunda**. Todas estas abordagens oferecem um conjunto de princípios, processos e práticas para abordar desafios coletivos. Desde uma pequena escola ou comunidade até um estado ou país inteiro, aplicá-las pode levar os sistemas a fazerem novas perguntas, e por consequência, obterem novas respostas.



FAFE. NUNO DA SILVA. 2019

O DESENVOLVIMENTO E O MUNDO DIGITAL: AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS NA DIGITALIZAÇÃO E OS DESAFIOS QUE AS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (OSC) ENFRENTAM

DAGMAR BOŠANSKÁ
SÓCIA FUNDADORA DA ALISTIQ

A digitalização está a transformar radicalmente o mundo em que vivemos. Estão a ser implantados sistemas digitais revolucionários que nos estão a transformar a nós e a tudo o que nos rodeia - a nossa economia, sociedade, política e até as nossas crenças. No entanto, as principais tendências que surgem no nosso horizonte digital próximo estão repletas de potencial, bem como de riscos, oportunidades, desafios e tensões paradoxais. É imperativo compreendê-las para que as OSC também tenham um papel importante no desenrolar da revolução digital e para que esta se guie por valores e aspirações humanistas, tais como a igualdade e o bem-estar para todos/as, o progresso sustentável e uma sociedade democrática e aberta.

Estas são as cinco tendências-chave em que devemos concentrar a nossa atenção no domínio da digitalização e dos desafios que as OSC enfrentam nesta área:

'AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS QUE SURGEM NO NOSSO HORIZONTE DIGITAL PRÓXIMO ESTÃO REPLETAS DE POTENCIAL, BEM COMO DE RISCOS, OPORTUNIDADES, DESAFIOS E TENSÕES PARADOXAIS'

TENDÊNCIA N.º 1 A ECONOMIA DOS DADOS ESTÁ A MUDAR A ORDEM MUNDIAL

Os dados tornaram-se no recurso mais importante na nova economia e geopolítica globais. As fronteiras geopolíticas esbateram-se e a tradicional divisão Norte/Sul já não é tão evidente. Os países pobres do Sul podem apanhar (ou até mesmo ultrapassar) os países mais ricos do Norte e isso pode contribuir para uma maior igualdade social a nível global. *Esta mudança nas relações de poder tradicionais também* tem o potencial de provocar convulsões económicas, políticas ou sociais, e isto é algo que as OSC também têm de ter em conta.

TENDÊNCIA N.º 2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS ESTÃO A MUDAR OS GOVERNOS

As tecnologias digitais mudam a forma como os governos funcionam e podem ser responsabilizados pelas suas ações. Se os novos serviços digitais públicos forem utilizados de uma forma segura, podem contribuir para a criação de processos democráticos ainda mais inclusivos para os/as cidadãos/as globais de todo o mundo. No entanto, as plataformas e os serviços digitais também podem ser manipulados em benefício próprio por um novo conjunto de ditaduras digitais.

TENDÊNCIA N.º 3 AS REDES SOCIAIS ESTÃO A TRANSFORMAR A DEMOCRACIA

As redes sociais transformam radicalmente as interações entre as pessoas, bem como o jornalismo e a democracia. Os indivíduos nunca desfrutaram de tamanha liberdade de expressão, mas também nunca receberam tantas notícias instantâneas falsas e/ou censuradas.

TENDÊNCIA N.º 4

A AUTOMATIZAÇÃO ESTÁ A MUDAR O MERCADO DE TRABALHO

A automatização pode possibilitar o rendimento universal e mais tempo de lazer e para outras atividades que nos realizem, mas também pode contribuir para o aumento das desigualdades, ao criar um fosso entre os/as que podem dar um contributo útil à sociedade e aqueles/as que são colocados de lado.



**'É IMPERATIVO COMPREENDÊ-LAS
[AS TENDÊNCIAS] PARA QUE AS
OSC TAMBÉM TENHAM UM PAPEL
IMPORTANTE NO DESENNOLAR
DA REVOLUÇÃO DIGITAL E PARA
QUE ESTA SE GUIE POR VALORES
E ASPIRAÇÕES HUMANISTAS,
TAIS COMO A IGUALDADE E O
BEM-ESTAR PARA TODOS/AS, O
PROGRESSO SUSTENTÁVEL E
UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA
E ABERTA'**

TENDÊNCIA N.º 5

A INOVAÇÃO SOCIAL DENTRO DA MODERNIZAÇÃO

As novas tecnologias têm impulsionado a criatividade e inovação social. Graças à inovação social, a aprendizagem, o governo e a saúde eletrónicos são realidades cada vez mais viáveis. Estes avanços digitais podem dar origem a novos tipos de projetos de desenvolvimento, para os quais a sociedade civil pode dar um contributo eficaz e construtivo. No entanto, também podem permanecer na posse exclusiva do setor privado.

Para enfrentar os desafios descritos acima, as OSC têm de se envolver no processo de formulação das políticas e regulamentações relevantes, e conduzir a agenda enquanto parceiros de pleno direito, lado a lado com os responsáveis políticos e as grandes empresas, cujo interesse na digitalização nem sempre se guia por valores humanistas. As OSC também têm de compreender verdadeiramente as necessidades digitais das pessoas e contribuir para que estas sejam satisfeitas. Por último, mas não menos importante, as OSC têm de se empenhar no ativismo digital, construir novas parcerias (mesmo que inesperadas) e trabalhar arduamente para tornar a mudança possível, ao mesmo tempo que contribuem para uma defesa constante de uma abordagem humanista na revolução digital.

TRADUÇÃO POR JOÃO OLIVEIRA

COMUNICAÇÃO, MUDANÇA E DESENVOLVIMENTO

PAOLO MEHALOPULOS

REPRESENTANTE DA UNICEF NO CHILE

Comunicação é um conceito amplo, que pode ser entendido e usado de maneiras diferentes. Nos últimos anos, a comunicação em práticas de desenvolvimento aproximou-se do paradigma participativo, o que significa que a comunicação não é apenas vista como um meio de passar informação ou convencer as pessoas a adotar novas práticas. Lenta e gradualmente, a comunicação tem sido cada vez mais usada como parte de um processo horizontal. Está a afastar-se do modelo tradicional emissor-canal-mensagem-recetor, para outro em que emissores e recetores se transformam em intervenientes ativos que trocam de papéis e em que as mensagens predeterminadas são substituídas por perspetivas e conhecimento gerados através do diálogo.

Este pensamento atual é sustentado na convicção de que o poder da comunicação para a mudança não reside primeiramente nos média nem nas mensagens, mas antes na interação entre os intervenientes, ou seja, no diálogo. Este diálogo, se for acompanhado por uma postura aberta e sincera em relação ao processo, gera novo conhecimento, confiança e habilita os indivíduos a tomar medidas conducentes à mudança. De modo a trazer mudança positiva, a comunicação deverá ultrapassar o seu papel tradicional de informar as pessoas ou tentar convencê-las a adotar determinada prática ou comportamento.

'NOS ÚLTIMOS ANOS, A
COMUNICAÇÃO EM PRÁTICAS
DE DESENVOLVIMENTO
APROXIMOU-SE DO
PARADIGMA PARTICIPATIVO'

Este novo tipo de comunicação é conhecido por Comunicação para o Desenvolvimento, ou C4D. O seu papel central é a promoção da mudança social e comportamental, e as suas funções neste contexto são parte de um processo de descoberta, investigação e conhecimento, que possam conduzir a um consenso a favor da mudança positiva.

'ESTE PENSAMENTO ATUAL É
SUSTENTANDO NA CONVICÇÃO DE
QUE O PODER DA COMUNICAÇÃO
PARA A MUDANÇA NÃO RESIDE
PRIMEIRAMENTE NOS MÉDIA
NEM NAS MENSAGENS, MAS
ANTES NA INTERAÇÃO ENTRE OS
INTERVENIENTES'

Por conseguinte, a comunicação, além de ser um instrumento ou um canal de difusão de mensagens, torna-se uma atividade para avaliar, analisar e empoderar aqueles que aceitam fazer parte deste processo. Quando concebida deste modo, a comunicação tem o potencial de promover não apenas mudança comportamental, mas também apoiar na avaliação, análise, planeamento e gestão da mudança. Estas são as características que estão na base do Modelo Multidimensional para a Mudança (MMC), uma adaptação do modelo socio-ecológico, aplicado à comunicação para viabilizar as funções acima descritas.

No desenvolvimento, como na maioria dos outros domínios, é raro os problemas terem uma causa única ou até mesmo um único conjunto de causas. A incapacidade de reconhecer essa multiplicidade de fatores é uma das razões que justificam as falhas no passado em alcançar os resultados pretendidos. Quando usada para analisar e trocar perspetivas, opiniões e conhecimento, a comunicação pode ajudar a ter em consideração diferentes áreas e dimensões da realidade que precisam de mudança. A comunicação é igualmente fundamental na avaliação e elaboração de estratégias para a promoção de mudança positiva. Esta é a principal função do Modelo Multidimensional para a Mudança ou MMC.

Este modelo pretende corrigir erros do passado e usar a comunicação na sua plenitude, i.e. Viabilizando o diálogo e a



troca interativa entre os intervenientes. O MMC proporciona um quadro de referência organizativo que representa quatro dimensões básicas e que contém todos os principais elementos que garantem que a mudança social e comportamental poderá realizar-se. As primeiras três dimensões constituem o contexto social ou ambiente conducente à mudança e são as seguintes:

/ 1 POLÍTICA (que pode ser subdividida em três elementos-chave: políticas públicas; enquadramento jurídico; e disponibilidade financeira.);

/ 2 ORGANIZATIVA (refere-se ao mandato institucional e à capacidade do estado e das instituições públicas);

/ 3 SOCIOCULTURAL (comporta normas que definem e moldam os comportamentos aceitáveis, os média, que influenciam e dão forma à esfera pública, e as redes de referência, pares ou grupos com os quais o indivíduo se identifica).

Os elementos das três dimensões acima referidas constituem o ambiente propício que é necessário para facilitar a mudança. Porém, a grande mudança de comportamento depende da decisão individual, por isso o indivíduo é a quarta dimensão. Esta última compreende elementos que são recursos influentes que, em última instância, vão determinar se a mudança nos comportamentos será adotada e permanente: círculo privado, normalmente familiares ou amigos íntimos, consciência individual, conhecimento, valores e atitudes.

**'ESTE NOVO TIPO DE
COMUNICAÇÃO É CONHECIDO
POR COMUNICAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO, OU C4D.
O SEU PAPEL CENTRAL É A
PROMOÇÃO DA MUDANÇA SOCIAL
E COMPORTAMENTAL'**

O MMC aplica a comunicação na sua forma dialógica para simultaneamente investigar e analisar em primeiro lugar a situação, e depois planear, comunicar e promover a mudança necessária. Este é apenas um modelo entre muitos. O que o torna bastante inovador é o modo como a comunicação é usada para determinar e ligar diferentes elementos através das distintas dimensões, permitindo aos intervenientes serem os agentes da mudança, ao invés de espetadores passivos. Independentemente do modelo que se decida adotar, o caminho em direção à comunicação para a mudança positiva deverá ser sempre um processo horizontal e o diálogo deverá estar no cerne desse processo.

TRADUÇÃO POR MARTA LISBOA

PENSAR, FAZER E APRENDER MELHOR: PROMOVER A INOVAÇÃO INCLUSIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

LUÍS PAIS BERNARDO
INVESTIGADOR, CESA/ISEG

ANA LUÍSA SILVA
DOUTORANDA EM ESTUDOS
DO DESENVOLVIMENTO, CESA/ISEG

Embora seja uma noção trivial, continua a ser importante repeti-la: o desenvolvimento internacional é complexo. Não lidamos com problemas simples: os grandes desafios do desenvolvimento têm muitas causas e pouca linearidade. É por isso que são problemas *complexos*. E as intervenções têm, muitas vezes, resultados imprevistos. A complexidade é isto: reconhecer que um problema é multicausal e pode ser consequência de outros problemas aparentemente alheios. Robert Chambers, especialista em desenvolvimento rural e metodologias participativas, dá o exemplo da subnutrição infantil. Muitos programas de distribuição de suplementos nutricionais revelaram resultados muito aquém do esperado. Porquê? O problema da má nutrição infantil não resulta apenas de uma dieta deficitária em nutrientes variados. Também é consequência da prevalência generalizada de doenças intestinais crónicas, as quais reduzem a capacidade de absorção de nutrientes. As fracas redes de infraestruturas de saneamento básico contribuem para a proliferação destas doenças. Mas a dificuldade em mudar comportamentos de higiene e saneamento também. É um problema *espinhoso* (a nossa tradução para *wicked problem*¹).

Ao perguntar se “podemos conhecer melhor”², Chambers sugere que só conseguimos enfrentar este tipo de problemas se reconhecermos que participamos na intervenção – como agentes ou sujeitos – e que essa intervenção é um processo

colectivo e interactivo. Isto significa que, em todas as intervenções, há epistemologias múltiplas, por isso os nossos processos de aprendizagem devem ter isso em conta. A aprendizagem reflexiva é um processo contínuo de questionamento e interacção com as realidades operacionais em que intervimos. Permite-nos abandonar a presunção de que as soluções técnicas, muitas vezes preferidas por financiadores e implementadores, são só técnicas e nunca políticas, organizacionais ou distributivas. Estas questões são fundamentais no debate da inovação e na prática da inovação inclusiva para o desenvolvimento. Dispomos de poucos recursos para criar escala ou impacto e temos aversão ao fracasso. Mas a viabilidade da inovação para o desenvolvimento depende do investimento na incerteza e na criação de espaços onde a escassez de recursos não dite o que fazemos. Usando ferramentas desadequadas à complexidade corremos o risco de, ao inovar, nos ficarmos pela simples observação “esta solução funciona ou não?”, perdendo assim o horizonte da escala e do impacto.

'A INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DEVE SER UM PROCESSO MULTIDISCIPLINAR, EM QUE SE COMBINAM CONHECIMENTOS E APRENDIZAGENS VÁRIAS'

A inovação para o desenvolvimento sustentável deve ser um processo multidisciplinar, em que se combinam conhecimentos e aprendizagens várias. Deve ser inclusiva, partindo da experiência daqueles que estão mais próximos dos problemas e que os vivem no dia-a-dia. Quem promove a inovação para o desenvolvimento deve assegurar que há tempo e espaço para criar, mas também para testar, falhar, iterar, aprender e crescer. Só assim exercemos verdadeiramente a reflexividade e asseguramos a emancipação daqueles que servimos, rumo a um desenvolvimento mais justo, equitativo e sustentável.

¹ CF. RAMALINGAM, BEN, LARIC, MIGUEL E JOHN PRIMROSE, “FROM BEST PRACTICE TO BEST FIT: UNDERSTANDING AND NAVIGATING WICKED PROBLEMS IN INTERNATIONAL DEVELOPMENT”, ODI WORKING PAPERS, SETEMBRO 2014. ACESSÍVEL EM [HTTPS://WWW.ODI.ORG/SITES/ODI.ORG.UK/FILES/ODI-ASSETS/PUBLICATIONS-OPINION-FILES/9159.PDF](https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/odi-assets/publications-opinion-files/9159.pdf)

² CHAMBERS, ROBERT. 2017. “CAN WE KNOW BETTER? REFLECTIONS FOR DEVELOPMENT”. BOURTON ON DUNSMORE, RUGBY, WARWICKSHIRE: PRACTICAL ACTION PUBLISHING





Queens Park

SAVE THE



À CONVERSA COM...

JESSE CHEN

FUNDADOR DA POWERLINE E
MEMBRO DA DIREÇÃO DA CIVICUS

ENTREVISTA REALIZADA POR

CARLOTA BICHO

RESPONSÁVEL DE COMUNICAÇÃO NA
PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD

LUCIANA ALMEIDA

RESPONSÁVEL DE CAPACITAÇÃO NA
PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD

QUAL É O PAPEL DA INOVAÇÃO PARA RESPONDER AOS ATUAIS DESAFIOS QUE O DESENVOLVIMENTO ENFRENTA E PROMOVER UM MUNDO MAIS JUSTO?

É impressionante como esta discussão tem estado ausente dos círculos do desenvolvimento e da sociedade civil em geral. As grandes inovações procuram resolver problemas específicos. O nosso setor não sabe como organizar a pressão social nos pontos de alavancagem estratégicos das mais variadas questões temáticas e regionais, para promover a mudança sistémica ao mais alto nível. Onde estão os nossos movimentos translocais? Porque é que as pessoas não se estão a organizar localmente para enfrentar os seus problemas locais, já para não falar dos problemas globais? Onde está a inovação de que precisamos para capacitar e sustentar estes movimentos? Quais são as inovações que procuramos para criar, ligar, fortalecer e apoiar estes movimentos populares? Como é que as

'MUITAS DAS NOSSAS INOVAÇÕES MAIS RECENTES TANTO PODEM SER EXTRAORDINARIAMENTE ÚTEIS NO COMBATE ÀS CRISES GLOBAIS (...) COMO PODEM CRIAR NOVAS CRISES'

nossas organizações testam e adotam estas inovações? Estarão alguns financiadores a limitar o nosso apetite pela inovação?

Precisamos de construir e adotar uma infraestrutura verdadeiramente capacitadora que permita transformar este conhecimento em ações concretas. Refiro-me especificamente aos conceitos da liderança servidora e de movimentos *translocais* que estão intimamente ligados ao problema da restrição do espaço cívico.

Penso que os/as atuais líderes da sociedade civil têm um papel importante a desempenhar aqui, que implica estabelecer relações profundas com os movimentos populares e voltar a democratizar as respetivas organizações com base em pessoas reais. Está na altura de inovar.

NA SUA OPINIÃO, QUAL FOI O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NAS DEMOCRACIAS (OS IMPACTOS POSITIVOS E TAMBÉM OS DESAFIOS)?

Ao longo dos últimos anos, assistimos a uma desestabilização cada vez maior em várias democracias ocidentais. A sabedoria convencional tem apontado a culpa à emergência de figuras autoritárias populistas e à

Extrema Direita. No entanto, eu diria que esta tendência também está intimamente ligada à adoção em grande escala das plataformas das redes sociais (e da Internet em geral), que nunca foram concebidas especificamente para enfrentar os desafios da democracia à escala.

As instituições democráticas que temos no mundo ocidental avançam demasiado devagar e não conseguem manter-se a par da inovação, nomeadamente a rapidez com que a informação viaja – incluindo a divulgação (ou não divulgação) de informações fidedignas vs. notícias falsas. A atualidade todos os dias nos chama a atenção para isto.

Existem muitas e muitos líderes eleitos/as (e respetivas equipas) que estão demasiado distanciados da vanguarda da inovação ou da vida quotidiana da maioria das pessoas para poderem compreender as implicações dessas inovações na governação e ainda menos para conseguirem agir com a rapidez necessária para manter as nossas instituições alinhadas com as nossas realidades em constante mudança. Esqueçam as redes sociais: basta pensar na inteligência artificial, na tecnologia de *blockchain*, na tecnologia de *deep fake* ou na edição genética. Muitas das nossas inovações mais recentes tanto podem ser extraordinariamente úteis no combate às crises globais (em especial, a tecnologia de *blockchain*), como podem criar novas crises.

'ACREDITO QUE PRECISAMOS DE TECNOLOGIA CONCEBIDA A PENSAR NUM ENVOLVIMENTO EM GRANDE ESCALA DA COMUNIDADE'

QUAIS SÃO AS POTENCIALIDADES POR EXPLORAR DESTAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO ÂMBITO DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA?

Sonho com um mundo no qual várias ONG diferentes situadas nos mesmos locais se juntam ocasionalmente para organizar eventos públicos em *Open Space*, onde as pessoas trabalham coletivamente para enfrentar os desafios globais com base nos problemas locais.

Também acredito que precisamos de tecnologia concebida a pensar num envolvimento em grande escala da comunidade. E, fundamentalmente, essas oportunidades de envolvimento não devem partir do princípio de que todos são ativistas informados/as ou especialistas jurídicos/as que conseguem decifrar a legislação.

'UMA INFRAESTRUTURA FACILITADORA TEM DE DAR PRIORIDADE À RELAÇÃO ENTRE OS/AS LÍDERES E OS/AS CIDADÃOS/ÃS, E APOIAR A ORGANIZAÇÃO E CANALIZAÇÃO DA PRESSÃO SOCIAL. O FACEBOOK, TWITTER, SNAPCHAT, INSTAGRAM, TIKTOK, LINKEDIN... NENHUMA DESTAS PLATAFORMAS FOI CONCEBIDA COM ISTO EM MENTE'

Devemos ter uma mentalidade ágil nas nossas organizações e pensar em função dos nossos membros e das pessoas que representamos. Preocupa-me a quantidade de organizações que afirmam ser "ágeis", mas que na prática seguem um ciclo de planeamento rígido. O setor tem de ser mais ágil para também ser mais inovador, relevante e reativo.

A INOVAÇÃO NESTA ÁREA PODE CRIAR UM MAIOR ENVOLVIMENTO CÍVICO A LONGO PRAZO NA CRIAÇÃO DAS POLÍTICAS E TAMBÉM UMA LIDERANÇA MAIS REPRESENTATIVA?

Sem dúvida, mas existem várias condições que têm de ser satisfeitas para que isso aconteça. Precisamos de pensar nos sistemas e também num *design thinking* humanista. O Facebook e o Twitter nunca foram concebidos para este tipo de envolvimento e não foram certamente concebidos para dar prioridade ao papel da liderança nas comunidades.

O principal objetivo do nosso trabalho na Powerline tem sido conceber e implementar a infraestrutura necessária para possibilitar uma participação continuada dos cidadãos e cidadãs junto dos/as respetivos/as líderes e organizações da comunidade. Para nós, as organizações da sociedade civil têm de conseguir organizar-se e canalizar a pressão social. A tecnologia para fazer isso tem de apoiar o envolvimento sem obrigar a uma colocalização física da comunidade.

Uma infraestrutura facilitadora tem de dar prioridade à relação entre os/as líderes e os/as cidadãos/ãs, e apoiar a organização e canalização da pressão social. O Facebook, Twitter, Snapchat, Instagram,

TikTok, LinkedIn... nenhuma destas plataformas foi concebida com isto em mente. A sociedade civil tem de desempenhar o seu papel ao experimentar plantar as "sementes de mudança" e ao arriscar falhar nos primeiros passos das suas inovações. É verdadeiramente vital que consigamos libertar-nos do paradigma atual e construir a pressão social necessária para conseguirmos ultrapassar as nossas atuais crises globais.

'A SOCIEDADE CIVIL TEM DE DESEMPENHAR O SEU PAPEL AO EXPERIMENTAR PLANTAR AS "SEMENTES DE MUDANÇA" E AO ARRISCAR FALHAR NOS PRIMEIROS PASSOS DAS SUAS INOVAÇÕES'

TRADUÇÃO POR JOÃO OLIVEIRA



JESSE CHAN



RECURSOS FUNDAMENTAIS

Innovations in development in the Guardian

Chang, Ann Mei (2017) *Lean Impact: Amplifying Social Good Using Lean Startup*, disponível no Youtube

Raj Desai et al.(2016) *The Need for Innovations to Implement the Sustainable Development Goals*, in “From summits to solutions: innovations in implementing the Sustainable Development Goals”, Brookings Institution Press

Ramalingam, Ben e Bound, Kirsten (eds.) (2016), *Innovation for International Development*, NESTA

OECD (2015) *Innovation Policies for Inclusive Development: Scaling up Inclusive Innovations*

Wahl, Daniel Christian (2017) *The Three Horizons of innovation and culture change*, in Medium

Whitehead, James (2015) *Unlocking Innovation: Enabling and Blocking Factors in Developing Innovative Programmes at Oxfam GB*, Oxfam

Schot, J. and Steinmueller, W. E. (2016) *Framing Innovation Policy for Transformative Change: Innovation Policy 3.0*, Science Policy Research Unit (SPRU), University of Sussex

‘SITES’ DE REFERÊNCIA

OECD – Innovation

NESTA Foundation

Oxfam - Private sector engagement

Global Innovation Exchange

International Development Innovation Alliance

IT News Africa

UMA FILANTROPIA PARA A MUDANÇA SISTÊMICA – PARA QUE SERVE TUDO ISTO?

SOFIA ARROYO MARTIN DEL CAMPO
É CO-DIRETORA EXECUTIVA DA EDGE FUNDERS ALLIANCE

MARK RANDAZZO
FOI DIRETOR EXECUTIVO DA EDGE DE 2012 ATÉ JULHO DE 2019

O conceito de desenvolvimento e o papel da filantropia evoluíram significativamente nos últimos anos, indo além do trabalho de caridade e soluções de “penso rápido” e encaminhando-se para a partilha de responsabilidade, promovendo uma mudança *estrutural* mais profunda e duradoura.

A EDGE (Doadores Empenhados na Equidade Global) Funders Alliance foi criada em 2012 com o objetivo de oferecer uma abordagem alternativa aos financiadores que desejavam ir além de assuntos isolados, da noção clássica de desenvolvimento e inclusive do financiamento para a justiça social, proporcionando um espaço de exploração e maior compreensão das crises sistêmicas que enfrentamos no presente. Esta aliança surgiu da união de Grantmakers Without Borders com a Funders Network on Trade and Globalization, dois grupos de doadores com afinidades, criada no princípio deste século por financiadores preocupados com as consequências devastadoras da liberalização económica e crescente poder empresarial, agravamento das desigualdades, caos ecológico, e encerramento do espaço cívico. Estas preocupações mantêm-se atualmente.

No decurso na nossa missão, a EDGE salienta o contexto global do processo de doações, o papel decisivo das organizações de base e das redes, e a importância de uma análise sistémica e crítica.

“A nossa comunidade financia atualmente maior equidade e práticas sustentáveis, e simultaneamente aprofundando e apoiando estratégias que respondam aos desafios sistémicos e contribuam para uma mudança transformadora a longo prazo.”

'O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO E O PAPEL DA FILANTROPIA EVOLUÍRAM SIGNIFICATIVAMENTE NOS ÚLTIMOS ANOS, INDO ALÉM DO TRABALHO DE CARIDADE E SOLUÇÕES DE “PENSO RÁPIDO” E ENCAMINHANDO-SE PARA A PARTILHA DE RESPONSABILIDADE'

Procurar uma visão alternativa para a mudança sistémica é a razão de ser da EDGE. Como é que a filantropia poderá ser mais eficaz na compreensão e resolução da raiz dos problemas das desigualdades globais, do colapso ecológico, dos sistemas de governação estáticos e obsoletos, de uma crise sanitária e alimentar, da ascensão de governos totalitários, da contração do espaço cívico, da clivagem racial, de género e de classe? Como é que podemos trabalhar em cooperação com os outros setores, dos movimentos de base às empresas “for-benefit” do Quarto Setor, governos e sociedade civil em geral, de maneira a criar mudança efetiva e duradoura?

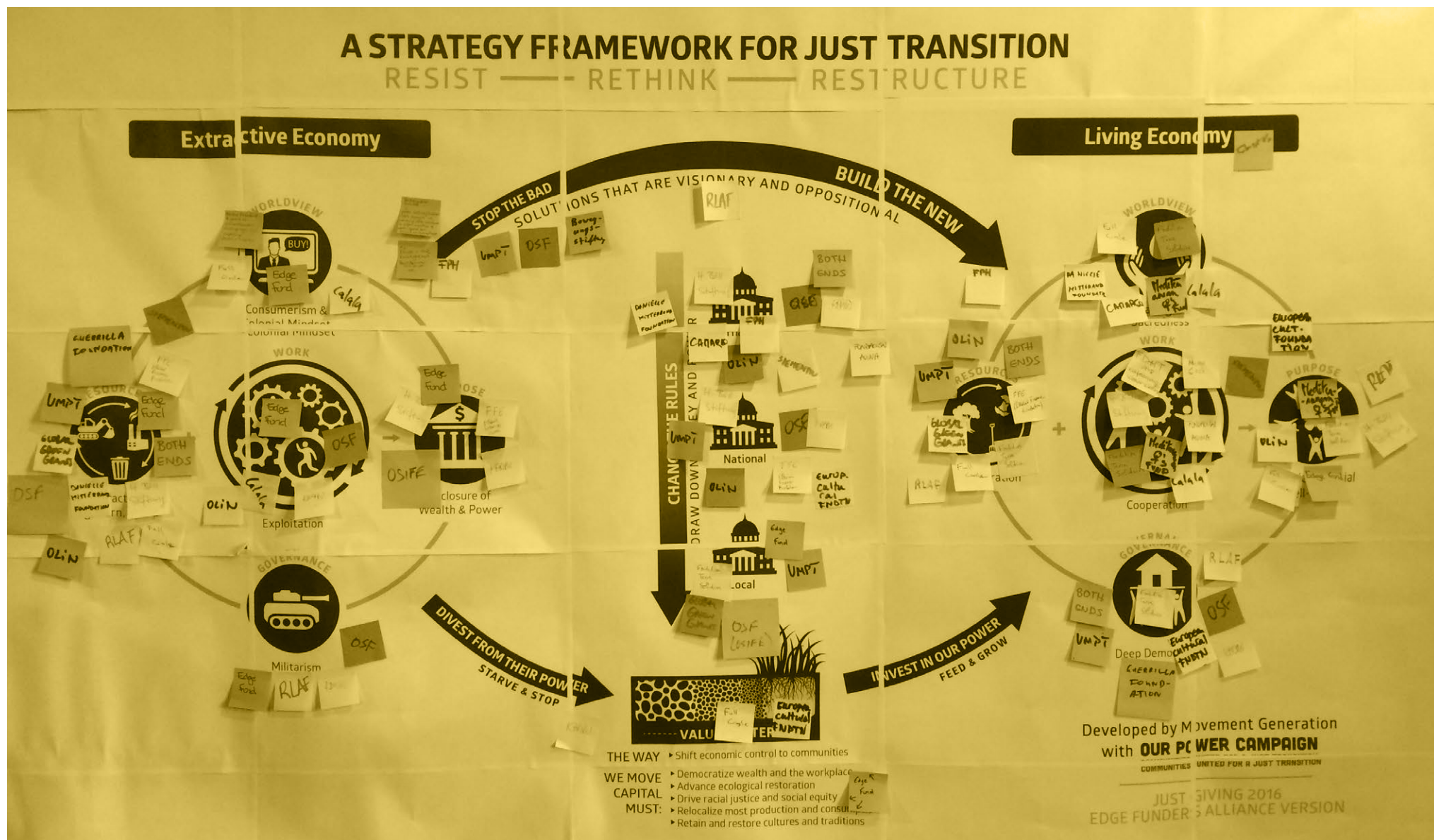
Ao longo destes anos, as estratégias e os objetivos foram sendo aperfeiçoados por um conjunto de conceitos, que evoluíram através da estreita colaboração com os beneficiários dos nossos afiliados, parceiros do movimento social cujo trabalho sempre influenciou e inspirou o nosso pensamento e estratégias. Algumas delas incluem:

ECO SIGNIFICA LAR

A ideia central do Movement Generation - “eco-logia” enquanto *conhecimento* do lar e “eco-nomia” enquanto *gestão* do lar – tem sido crucial na orientação da EDGE desde que foi proposta por Gopal Dayaneni na conferência da EDGE em 2013 e registada de forma eloquente na nossa curta metragem intitulada *How We Live*.

TRANSIÇÃO JUSTA

Com base no trabalho surgido do sindicalismo nos EUA, a Movement Generation e a Climate Justice Alliance desenvolveram instrumentos concetuais que descrevem a transição de



uma economia de extração centralizada “em torno da riqueza e do poder”, para uma economia centralizada no bem-estar social e ecológico. Os Princípios Orientadores Just Transition da CJA e o desenvolvimento do enquadramento da Just Transition têm sido bastante úteis para a EDGE ao longo destes anos, tendo sido partilhados num sem número de seminários, retiros e painéis de discussão. O artigo que David Bollier redigiu para nós em *A Just Transition and Progressive Philanthropy* contribuiu de maneira significativa para este debate, e o *Compromisso de Barcelona (Barcelona Commitment)* subscrito pela EDGE ajudou a esclarecer os fundadores acerca das implicações.

MOVIMENTOS FEMINISTAS

A EDGE privilegia a justiça de género e práticas inclusivas de género através da nossa Iniciativa para a Justiça de Género (Gender Justice Initiative), ajudando a nossa comunidade a avançar no sentido de uma maior compreensão das interseções entre racismo, capitalismo e patriarcado, e encorajando o apoio de lideranças de base por mulheres de cor e pessoas LGBTQ que contribuam para que esses movimentos ponham fim a todas as formas de opressão sistémica e à violência de género.

ALTERNATIVAS SISTÉMICAS

A posição da EDGE foi igualmente influenciada pela nossa associação à Iniciativa Alternativas Sistémicas (*Systemic Alternatives Initiative*). Tal como foram retratadas no nosso filme *Come*

to the Edge, as crises sistémicas são confrontadas e desafiadas por alternativas sistémicas, que encontram expressão em visões alternativas decorrentes de diferentes contextos políticos, culturais, sociais e organizacionais em todo o mundo.

Tal como o descreve Pablo Solon:

“A premissa das alternativas sistémicas é que as crises ambientais, económicas, sociais, geopolíticas, institucionais e civilizacionais fazem parte de um todo, estão interligadas e influenciam-se mutuamente. Por conseguinte, é impossível resolver uma destas crises sem enfrentar as outras em complementaridade. Estratégias unidimensionais são incapazes de solucionar crises sistémicas e, em contrapartida, podem mesmo agravá-las.”

A EDGE contribui para transições culturais e estratégicas no nosso âmbito, simultaneamente reconhecendo que a própria filantropia é um produto do sistema económico que estamos a tentar mudar. Juntamente com os membros e aliados dentro e fora da nossa comunidade desejamos construir uma filantropia para a mudança social, alargando a compreensão coletiva daquilo que está em jogo, do que implica a verdadeira transformação da sociedade, e o que podem fazer os doadores para ajudar a enfrentar os desafios existenciais que se avizinham.

www.edgefunders.org

TRADUÇÃO POR MARTA LISBOA

COMO A OXFAM AJUDA AS EMPRESAS A RESPEITAR OS DIREITOS HUMANOS E A CONTRIBUIR PARA A DIMINUIÇÃO DA POBREZA

SABITA BANERJI

CONSULTORA PARA O SETOR PRIVADO NA OXFAM GB

Nos últimos anos, tem-se verificado um movimento crescente em todo o mundo a favor de uma colaboração mais estreita entre as ONGD e o setor privado, indo além da relação de filantropia empresarial. Em muitos aspetos, as ONG e (a maioria das) empresas têm objetivos semelhantes: ambas visam garantir que o planeta sobreviva e ambas querem ajudar as pessoas a alcançar as competências que as tornem produtivas e lhes permitam sustentar-se.

As empresas estão a ser sujeitas a pressões cada vez maiores para assegurar que as suas atividades facilitam, ao invés de impedir, as pessoas de usufruir dos direitos humanos e laborais. Para as ONG como a Oxfam, isto é o motor fundamental do seu trabalho.

Oxfam é um movimento global de pessoas que trabalham em conjunto para pôr fim à injustiça da pobreza e reconhecemos que, para obter o máximo impacto, temos de potenciar o alcance, a influência, e o impacto do setor privado. A Oxfam apoia as empresas de modo a que ajudem – e não prejudiquem – as pessoas, através de:

- / Programa de Parcerias
- / Influência Política e *Advocacy*
- / Consultoria

Os Programas de parceria são, tradicionalmente, relações filantrópicas entre empresas que fazem donativos e os projetos de desenvolvimento da Oxfam, mas também procuram fazer face a questões de fundo, como a capacidade dos pequenos agricultores para levar uma vida melhor, e a capacidade das trabalhadoras têxteis para conhecer e defender os seus direitos. Aqui poderão encontrar uma conversa interessante entre a Oxfam e uma marca de roupa de luxo, a Burberry, sobre o seu projeto conjunto para apoiar os produtores de lã de caxemira no Afeganistão.

'ATRAVÉS DE CAMPANHAS LOCAIS E GLOBAIS (...) PRESSIONAMOS AS EMPRESAS PARA TORNAREM AS SUAS ATIVIDADES MAIS RESPONSÁVEIS'

O nosso trabalho de influência política e *advocacy* com o setor privado opta por uma abordagem de maior confronto. Através de campanhas locais e globais como a **Behind the Barcodes** – que avalia os supermercados e os pontua quanto à qualidade e eficácia das políticas de fornecimento disponíveis ao público – pressionamos as empresas para tornarem as suas atividades mais responsáveis.

Mas, além de dizermos às empresas o que achamos que deviam estar a fazer – tentamos oferecer apoio nesse sentido. Em baixo, disponibilizamos dois exemplos da nossa consultoria às empresas.

Em 2011, a Unilever abriu as portas da empresa à Oxfam para esta compreender melhor como eram praticados os direitos laborais, e o que é que isto significava para os trabalhadores. No Vietname, a Oxfam entrevistou trabalhadores, gestores e intervenientes e analisou e comunicou os resultados, que incluíam desafios como salários de miséria, falta de clareza dos códigos de conduta da Unilever, ausência de mecanismos de reclamação e liberdade de associação, horas extraordinárias não-remuneradas, e trabalhadores fabris subcontratados em termos e condições mais desfavoráveis. Os **resultados** causaram tal preocupação aos quadros de topo da Unilever que foi elaborado um leque de compromissos, que incluía uma análise da “vida sustentável” em 180 países e uma redução do trabalho informal.

Em 2015, voltámos e **encontrámos** três mudanças fundamentais desde o nosso relatório original:

/ A administração da Unilever adquirira uma maior compreensão das questões fundamentais dos direitos humanos no Vietname e incorporara conhecimento especializado, reforçara as diretrizes, publicara um relatório de direitos humanos e agora estabelece diálogo regular com os sindicatos.

/ Apesar da recessão económica que afeta o setor, os salários dos trabalhadores semi-qualificados aumentaram em 48%, e a empresa criou 90 postos de trabalho interno como parte de um plano para eliminar progressivamente o trabalho a prazo.

/ A Unilever Vietname começou a investir mais fortemente para a sensibilização e compreensão da política de Fornecimento Responsável por parte dos seus principais fornecedores. A empresa viu quadruplicar a percentagem de fornecedores que reconhece a importância do fornecimento responsável.

'ALÉM DE DIZERMOS ÀS EMPRESAS O QUE ACHAMOS QUE DEVIAM ESTAR A FAZER – TENTAMOS OFERECER APOIO NESSE SENTIDO'

E 2018, a Oxfam levou a cabo uma avaliação ao longo de seis meses da cadeia de abastecimento de polpa de tomate em Itália pelos supermercados finlandeses SOK. A Oxfam **descobriu** que, embora os trabalhadores tenham contratos formalizados, a exploração mantém-se.

'O SETOR PRIVADO E AS ONG PODEM TRABALHAR EM CONJUNTO DE FORMA CONSTRUTIVA DE MODO A MELHORAR AS VIDAS DE MILHÕES DE PESSOAS EM TODO O MUNDO'

A Oxfam identificou a ausência de proteção legal adequada dos direitos da mão-de-obra imigrante em Itália, a ausência de serviços formais de recrutamento no setor agrícola, e a presença de redes criminosas como fatores críticos conducentes à vulnerabilidade de milhares de trabalhadores no setor agrícola italiano. Também percebemos como a dinâmica do poder negocial na cadeia de valor contribui para a exploração. Como tantas outras na indústria, as práticas de aquisição da SOK Corporation estavam a levar a uma fixação de preços incompatível com a ética de produção em Itália.

A SOK reconheceu que a pressão para baixar os preços pode ter custos humanos, e, por recomendação da Oxfam, comprometeu-se a assegurar que a negociação de preços não arriscaria “comprometer os pré-requisitos da produção ética.”

Estes exemplos demonstram como o setor privado e as ONG podem trabalhar em conjunto de forma construtiva de modo a melhorar as vidas de milhões de pessoas em todo o mundo, bem como daqueles que delas dependem, que fazem parte do sistema de comércio global, e que estão, por conseguinte, diretamente ligadas às pessoas que compram os produtos que estas fazem e produzem.

TRADUÇÃO POR MARTA LISBOA



CASHMERE HERDER IN AFGHANISTAN. OXFAM. JOEL VAN HOUDT

PROMOÇÃO E GESTÃO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DE VALOR: O CASO “PROBANANO” DA OIKOS PERU

RAFAEL DRUMMOND BORGES
DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO DA OIKOS

O crescimento macroeconómico do Peru desde 2000 e o bom desempenho na agricultura latifundiária de exportação não se refletiram nas muitas famílias de pequenos agricultores, em situação de pobreza e pobreza extrema.

A região de Piura concentrava quase 80% dos 6.000 pequenos produtores de banana com menos de 1ha de terra cada um, empregando 6.500 trabalhadores diretos. Sem necessidades básicas satisfeitas, um baixo nível educativo, uma elevada carga familiar sobre as mulheres e sem capital para atividade produtiva, a sua inserção ou manutenção num mercado competitivo globalizado é difícil e complexa. A exportação de banana (35% assegurada por organizações de produtores), ao contrário de outras culturas sazonais, representava uma fonte de rendimento estável para as comunidades. No entanto, vários problemas exigiam uma ação concertada das associações de produtores, da sociedade civil, das empresas e das autoridades públicas, nomeadamente o que se refere a: gestão irracional da água de irrigação; uso inadequado de resíduos plásticos no cultivo; falta de controlo da pegada de carbono e de tecnologias para mitigar os efeitos das alterações climáticas; violação das normas laborais, más condições de trabalho e exclusão dos trabalhadores dos benefícios do Comércio Justo; e ausência de contribuições voluntárias, royalties ou impostos para desenvolver o sector bananeiro e as comunidades locais.

Neste contexto, foi desenhado o projeto Probanano visando o desenvolvimento das instituições e da inter-relação entre todos os atores ligados à cadeia de valor; não só melhorias técnico-



PIURA. PERU. OIKOS. 2016

-produtivas. O sujeito principal era a “organização”, como ator institucional; não o “produtor” individualmente considerado.

Para o efeito, foi reativada uma iniciativa de 2010, a “*Mesa Técnica del Banano*”, como Plataforma multisectorial público-privada, que contemplasse a participação de todas as partes envolvidas na cadeia de valor, sem concorrência entre elas e em diálogo e concertação permanentes. Esta visão, inovadora e diferenciadora, permitiu alcançar resultados muito positivos e provocar verdadeiras mudanças no território e na vida das pessoas ligadas ao setor.

'ESTA VISÃO, INOVADORA E DIFERENCIADORA, PERMITIU ALCANÇAR RESULTADOS MUITO POSITIVOS E PROVOCAR VERDADEIRAS MUDANÇAS NO TERRITÓRIO E NA VIDA DAS PESSOAS LIGADAS AO SETOR'

Destacamos a utilização da experiência de grandes empresas privadas ao serviço das associações, gerando confiança mútua, e a sua inclusão no “PIP – Programa de Investimento Público”, a cargo da “Mesa”. O PIP acedeu ao “Sistema Nacional de Inversión Pública” e, posteriormente, o Governo Regional apresentou um programa específico para o cacau. O novo Programa PROCOMPITE atribuiu 70% das suas verbas ao sector bananeiro, para projetos de transferência de tecnologias.

O novo sistema de rega de reduzido custo resultou numa poupança de 40% nas perdas de massa de água e foi iniciada a recolha e tratamento das bolsas plásticas, até aí um passivo ambiental.

Ao promover a liderança do sector bananeiro, foi possível, entre 2012 e 2015, fazer crescer as exportações em 75% em quantidade, e 94% em valor, com subida de 11,7% no preço médio FOB (*free on board*). O Probanano obteve amplo reconhecimento público e pôde também influenciar outros sectores agrícolas.

A nossa experiência demonstra que as iniciativas de inovação social não excluem a necessidade de resultados económicos positivos, antes os exigem como factores críticos para a sustentabilidade dos projetos e das instituições. O envolvimento de todas as partes interessadas (em particular, daquelas que à partida estão em posições antagónicas) no desenho e implementação dessas iniciativas é que criará um verdadeiro ecossistema com impacto positivo e duradouro. As ONGDs podem e devem posicionar-se nessa criação.

'O ENVOLVIMENTO DE TODAS AS PARTES INTERESSADAS (EM PARTICULAR, DAQUELAS QUE À PARTIDA ESTÃO EM POSIÇÕES ANTAGÓNICAS) NO DESENHO E IMPLEMENTAÇÃO DESSAS INICIATIVAS É QUE CRIARÁ UM VERDADEIRO ECOSSISTEMA COM IMPACTO POSITIVO E DURADOURO'

Reportagem sobre o projeto [aqui](#).

Mais informações sobre o projeto [aqui](#).



PIURA. PERU. OIKOS. 2016



PUBLICAÇÕES



DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO: O CONTRIBUTO DE PORTUGAL PARA A CONCRETIZAÇÃO DO ODS 10

por PLATAFORMA PORTUGUESA DAS ONGD
em 2019
língua PORTUGUÊS

O Relatório “Desigualdades e Desenvolvimento | O contributo de Portugal para a concretização do ODS 10” foi elaborado no âmbito do Projeto Europa no Mundo – Make Europe Sustainable for All, que conta com o cofinanciamento da União Europeia e do Camões IP, e traça um retrato das áreas em que, a nível nacional, se verifica um maior nível de desigualdades, analisando também o contributo de Portugal para a redução das desigualdades a nível global.



INOVAÇÃO PARA OS OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

por CENTRO DE ESTUDOS SOBRE ÁFRICA E DESENVOLVIMENTO (CESA)
em 2019
língua PORTUGUÊS

Considerando as potencialidades tecnológicas, sociais e económicas da Inovação para o desenvolvimento na implementação dos ODS, este relatório apresenta um retrato sobre o que significa inovar e como colocar em prática a inovação no contexto dos desafios globais. O relatório procura demonstrar a estruturação da Inovação para o Desenvolvimento através de 5 componentes-chave: aprender, criar, organizar, liderar e colaborar.



STATE OF CIVIL SOCIETY REPORT 2019 THE YEAR IN REVIEW

por CIVICUS
em 2019
língua INGLÊS

O relatório sobre o estado anual da sociedade civil é publicado desde 2012 e procura analisar as tendências do ambiente favorável à sociedade civil, fazendo uma análise sobre o seu ponto de situação a nível mundial. O relatório de 2019 abrange temas como o estado da democracia, o envolvimento da Sociedade civil a nível internacional, e os desafios que se colocam à sociedade civil, desde a sua exclusão dos espaços de decisão, às ameaças aos direitos fundamentais e à igualdade de oportunidades em questões do quotidiano.



O PODER DAS MULHERES NA LUTA POR SOBERANIA ALIMENTAR

por OBSERVATÓRIO DO DIREITO À ALIMENTAÇÃO E À NUTRIÇÃO
em 2019
língua PORTUGUÊS

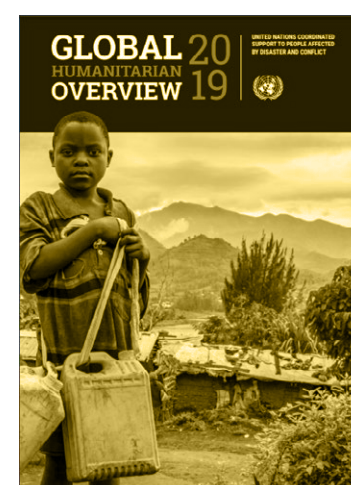
No contexto atual de fome crescente e colapso ecológico, as mulheres, o ambiente e economias do mundo enfrentam ataques cada vez maiores. Esta edição do Observatório do Direito à Alimentação e Nutrição é oportuna e necessária: os autores abordam questões-chave do poder e expõem a violência estrutural que afeta as mulheres e o ambiente.



ALIGNING DEVELOPMENT AND CLIMATE ACTION

por OCDE
em 2019
língua INGLÊS

Quão compatível com a ação climática é a Ajuda Internacional? Até que ponto os fluxos financeiros oficiais para os países em desenvolvimento e as ações que financiam são consistentes com os objetivos do Acordo de Paris? Estas e outras questões são tratadas neste relatório da OCDE, que alerta para a urgência de a Cooperação para o Desenvolvimento integrar de forma mais sistemática a questão da crise climática global.



GLOBAL HUMANITARIAN OVERVIEW 2019

por OCHAS
em 2019
língua INGLÊS

Este relatório demonstra os resultados das necessidades humanitárias e de financiamento de 2018, e traça o cenário dos desafios globais mais recentes no setor da Ajuda Humanitária e de Emergência. Apresenta também propostas de melhoria à análise das necessidades humanitárias e de planeamento de resposta.

ACEP ASSOCIAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO ENTRE OS POVOS

ADDHU ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

ADIRN ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO RIBATEJO NORTE

ADPM ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA

ADRA ASSOCIAÇÃO ADVENTISTA PARA O DESENVOLVIMENTO, RECURSOS E ASSISTÊNCIA

AIDGLOBAL ACÇÃO E INTEGRAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL

AJAP ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS AGRICULTORES DE PORTUGAL

AMU COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE LUSÓFONA POR UM MUNDO UNIDO

APCD ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO

APDES AGÊNCIA PIAGET PARA O DESENVOLVIMENTO

APF ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA

APOIAR ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO A ÁFRICA

ASSOCIAÇÃO HELPO

ASSOCIAÇÃO PAR RESPOSTAS SOCIAIS

ATA ASSOCIAÇÃO TROPICAL AGRÁRIA

ATLAS ASSOCIAÇÃO DE COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

CÁRITAS PORTUGUESA

CHAPITÔ

CIDAC CENTRO DE INTERVENÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO AMÍLCAR CABRAL

CONCEITOS DO MUNDO ASSOCIAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

CPR CONSELHO PORTUGUÊS PARA OS REFUGIADOS

EQUIPA D'ÁFRICA

EAPN PORTUGAL REDE EUROPEIA ANTI-POBREZA

EPAR DESENVOLVIMENTO, ENSINO FORMAÇÃO E INSERÇÃO, CRL

FCL FUNDAÇÃO CIDADE DE LISBOA

FEC FUNDAÇÃO FÉ E COOPERAÇÃO

FGS FUNDAÇÃO GONÇALO DA SILVEIRA

FUNDAÇÃO BOMFIM

FUNDAÇÃO CHAMPAGNAT

FUNDAÇÃO TERESA REGOJO PARA O DESENVOLVIMENTO

G.A.S. PORTO GRUPO DE ACÇÃO SOCIAL DO PORTO

GRAAL ASSOCIAÇÃO DE CARÁCTER SOCIAL E CULTURAL

GIRL MOVE PORTUGAL

HEALTH4MOZ

ICE INSTITUTO DAS COMUNIDADES EDUCATIVAS

IMVF INSTITUTO MARQUÊS DE VALLE FLOR

IPAV INSTITUTO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

MDM – P MÉDICOS DO MUNDO PORTUGAL

MENINOS DO MUNDO

MONTE DESENVOLVIMENTO ALENTEJO CENTRAL – ACE

MSH MISSÃO SAÚDE PARA A HUMANIDADE

MUNDO A SORRIR ASSOCIAÇÃO DE MÉDICOS DENTISTAS SOLIDÁRIOS PORTUGUESES

OIKOS COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

OMAS / LEIGOS DA BOA NOVA

ORBIS COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

PRO DIGNITATE FUNDAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

RAIA HISTÓRICA ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE DA BEIRA

ROSTO SOLIDÁRIO ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E HUMANO

SAÚDE EM PORTUGUÊS

SAPANA

SOLSEF SOL SEM FRONTEIRAS

SOPRO SOLIDARIEDADE E PROMOÇÃO

TERRAS DENTRO ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

TESE ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

UMP UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS

UNICEF COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF

URB-ÁFRICA ASSOCIAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO URBANO

VIDA VOLUNTARIADO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO AFRICANO

VITAE ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE E DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL

VSF VETERINÁRIOS SEM FRONTEIRAS PORTUGAL

WACT WE ARE CHANGING TOGETHER

COM O APOIO DE

